

AS QUATRO ESPÉCIES DE PLANTAS ORNAMENTAIS TÓXICAS ENCONTRADAS EM AMBIENTES DOMICILIARES E PÚBLICOS NO GAMA/DF

THE FOUR SPECIES OF TOXIC ORNAMENTAL PLANTS FOUND IN HOME AND PUBLIC ENVIRONMENTS IN GAMA/DF

Elizany Libanio de Andrade Costa¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2705-1284>

Elisângela de Andrade Aoyama²

 <https://orcid.org/0000-0003-1433-3845>

¹Graduada em Farmácia. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC. Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: elizany.farm@gmail.com

²Mestra em Engenharia Biomédica. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Gestão em Educação Ambiental. Graduada em Ciências Biológicas e Pedagogia. Docente no Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: elisangela.aoyama@uniceplac.edu.br

Como citar este artigo:

Costa ELA, Aoyama EA. As quatro espécies de plantas ornamentais tóxicas encontradas em ambientes domiciliares e públicos no Gama/DF. Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS. 2021; 3(2):36-42.

Submissão: 04.06.2021

Aprovação: 26.06.2021


<http://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis>


revistarebis@gmail.com

Resumo: O conhecimento sobre o potencial de letalidade de plantas tóxicas é fundamental e a utilização de certas plantas ornamentando ambientes domiciliares, proximidades de escolas ou parques infantis, não leva em consideração a periculosidade em relação ao vegetal. As quatro espécies elencadas neste estudo foram *Dieffenbachia picta* (comigo-ninguém-pode), *Euphorbia milii* (coroa-de-cristo), *Nerium oleander* (espirradeira) e *Zantedeschia aethiopica* (copo-de-leite), e fazem parte do acervo do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), aconselhado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O trabalho também teve como intuito relatar as consequências em relação à manipulação e ingestão das quatro espécies de vegetais escolhidas, apontando que existe o conhecimento de intoxicação por plantas ornamentais. O presente trabalho objetivou descrever sobre as quatro principais espécies de plantas ornamentais tóxicas encontradas em ambientes domiciliares e públicos no Gama/DF. Para a organização deste estudo, fez-se criterioso levantamento bibliográfico na literatura científica, a partir da compilação de trabalhos publicados entre 2014 e 2021 em revistas, livros e em bases de dados. A pesquisa de campo foi realizada na Região Administrativa do Gama-DF, totalizando a observação amostral em 24 localidades. Conforme os resultados houve prevalência da espécie *Euphorbia milii* (41,67%) e a literatura informa que esta não apresenta um alto grau de letalidade. Por outro lado, a *Zantedeschia aethiopica* foi à espécie com menor frequência (4,17%). Pela observação dos aspectos analisados, estudos como este representam uma grande contribuição para a população, principalmente no que se refere à divulgação de informações sobre plantas tóxicas ornamentais, considerada na atualidade ainda deficitária.

Palavras-chave: Plantas ornamentais, plantas tóxicas e sintomatologia.

Abstract: The knowledge about the lethality potential of toxic plants is fundamental and the use of certain plants ornamenting home environments, close to schools or playgrounds, does not take into account the danger in relation to the plant. The four species listed in this study were *Dieffenbachia picta* (mother-in-law's tongue), *Euphorbia milii* (Christ thorns), *Nerium oleander* (oleander) and *Zantedeschia aethiopica* (calla lily) and are part of the System's collection National Toxic-Pharmacological Information (SINITOX), advised by the Oswaldo Cruz Foundation (FIOCRUZ). The work also aimed to report the consequences in relation to the handling and ingestion of the four species of plants chosen, pointing out that there is knowledge of intoxication by ornamental plants. The present work aimed to describe the four main species of toxic ornamental plants found in domestic and public environments in Gama/DF. For the organization of this study, a careful bibliographical survey was carried out in the scientific literature, based on the compilation of works published between 2014 and 2021 in journals, books and databases. The field research was carried out in the Administrative Region of Gama-DF, totaling the sample observation in 24 locations. According to the results, there was a prevalence of the species *Euphorbia milii* (41.67%) and the literature informs that it does not have a high degree of lethality. On the other hand, *Zantedeschia aethiopica* was the species with the lowest frequency (4.17%). From the observation of the analyzed aspects, studies such as this one represents a great contribution to the population, especially with regard to the dissemination of information about toxic ornamental plants, which is currently considered to be deficient.

Keywords: Ornamental plants, toxic plants and symptoms.

Introdução

Por muitas vezes não ser reconhecido o perigo que as plantas ornamentais tóxicas apresentam, crianças e animais domésticos se tornam vítimas delas. Algumas dessas plantas podem possuir um alto grau de toxicidade. Há milhares de anos, as plantas eram selecionadas entre comestíveis e não comestíveis através da observação do comportamento dos animais. Caso esses animais a ingerissem, os humanos a consumiam, e, ao contrário, eram desprezadas quando se imaginava ser tóxicas. Essa não era uma garantia de acerto [1]. Assim, não é porque alguns animais ingerem determinados tipos de plantas que os seres humanos também podem consumi-las. Estudos são realizados para o melhoramento de algumas plantas através do cruzamento entre elas e assim, os cientistas puderam eliminar as toxinas. Este é o caso de plantas como batata e mandioca, que foram domesticadas por seleção natural [2].

Ultimamente, a utilização de certas plantas ornamentando ambientes domiciliares, próximos às escolas ou parques infantis, não leva em consideração a periculosidade em relação a um vegetal, uma vez que plantas não são inócuas. Existem graus de toxicidade que dependem da espécie vegetal, da idade da planta e do órgão vegetal. Reconhecer o potencial de letalidade é de fundamental importância. Poucos estudos vêm sendo realizados no Brasil visando o conhecimento sobre a extensão do uso dessas plantas, além de identificar as espécies que são mais citadas [3-5].

Os sinais e sintomas se desenvolvem rapidamente ocorrendo edema nos lábios, língua e palato, queimação, sialorréia e disfagia. Afonia devido ao edema de glote pode causar asfixia e/ou distúrbios respiratórios e até mesmo levar o indivíduo a óbito [6]. Pode causar também salivação excessiva, dor na mucosa da cavidade oral, esofagite, ardor retroesternal, distúrbios gastrintestinais, com vômitos, náuseas e cólicas abdominais. Cutaneamente, o contato com o látex provoca dermatite de contato; na mucosa ocular provoca edema, lacrimejamento, fotofobia, inflamação simultânea da córnea e da conjuntiva [7].

Dentro desse contexto, o presente estudo buscou descrever sobre as quatro principais espécies de plantas ornamentais tóxicas encontradas em ambientes domiciliares e públicos no Gama/DF. Em virtude da necessidade de esclarecimentos para familiares com relação as suas crianças, o trabalho abordou as vias de intoxicação e consequências relacionadas ao manuseio e/ou ingestão, devido ao fato de pessoas não reconhecerem o perigo que as mesmas oferecem.

Materiais e métodos

O presente trabalho trata-se de um estudo observacional qualiquantitativo, focado em verificar se as quatro plantas ornamentais tóxicas, *Dieffenbachia picta*, *Zantedeschia aethiopica*, *Euphorbia milii* e

Nerium oleander, são encontradas facilmente em ambientes domiciliares e públicos. A pesquisa visou responder a seguinte questão norteadora: Quais são as quatro espécies de plantas ornamentais tóxicas encontradas facilmente em ambientes domiciliares e públicos na cidade do Gama/DF? Foram selecionados trabalhos que procuravam explicar sobre o assunto, os quais estavam nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre 2014 e 2021.

Para a coleta de dados foram utilizadas as bases: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e periódicos especializados. Para as buscas utilizou-se os descritores: plantas ornamentais, plantas tóxicas e sintomatologia. Foram selecionados 28 trabalhos referentes ao tema, sendo 1 dissertação, 2 livros, 2 monografias, 2 publicações da ANVISA e SINITOX, e 21 artigos científicos. Foram usados como critérios de inclusão trabalhos referentes ao assunto em acervos de bibliotecas *on-line*, e revistas. Como critérios de exclusão aqueles publicados em *blog*, fórum ou que não tiveram embasamento na pesquisa e publicados em anos abaixo do ano 2014.

A pesquisa de campo foi realizada na Região Administrativa do Gama-DF e considerou as observações de quatro espécies vegetais: *Dieffenbachia picta*, *Euphorbia milii*, *Nerium oleander* e *Zantedeschia aethiopica*. Efetuadas em 24 locais, entre arredores de escolas, ambientes domiciliares e praças públicas.

A organização do presente ocorreu entre março e junho de 2021, proporcionando direcionamento para as pesquisadoras em relação ao assunto abordado, a fim de que pudesse formular hipóteses na tentativa de busca de resolução de problemas frequentes relacionados à assistência prestada em estudos anteriores. De posse das informações, iniciou-se a leitura e triagem dos textos, em outros termos, partiu-se para análise e interpretação do material de acordo com o tema escolhido. Após este ter sido organizado e categorizado em áreas temáticas, iniciou-se a redação, desta forma, culminando o ciclo da pesquisa de revisão bibliográfica.

Definição de planta tóxica

Por muito tempo, as plantas tóxicas foram aproveitadas como peçonha em dardos de caça ou empregadas diretamente nas águas para se envenenar os peixes, os quais servem como fonte de alimentos. No término do século XIX e começo de século XX, algumas plantas tóxicas tiveram um grande papel como fonte de princípios ativos no desenvolvimento de novos fármacos. Assim, atualmente o fundamental interesse em relação às plantas tóxicas ocorre devido à potência das reações tóxicas ao homem [5,8]. As espécies tóxicas não representam apenas riscos à saúde, utilizadas de forma adequada seus componentes químicos podem ser aproveitados na indústria brasileira [3].

É possível distinguir uma planta tóxica da planta venenosa. Enquanto que para planta tóxica é uma substância que, produzida por um organismo, é venenosa para outros seres vivos, para planta venenosa se consagra a seguinte assertiva: qualquer substância natural que por sua ação química, seja capaz de destruir ou perturbar as funções vitais de um organismo [8].

A planta tóxica possui conteúdos biodisponíveis assegurando assim que esses vegetais geram alterações metabólicas induzindo a sérios transtornos e ao óbito. Plantas rotuladas como tóxicas, podem ser localizadas em ambientes diversos por seres distintos tais como, animais domésticos e pelo homem de diversas idades. Por desconhecer o potencial tóxico das espécies, assim podem ocorrer às intoxicações [9].

As plantas medicinais se utilizadas por semanas ou meses durante o tratamento de moléstias como obesidade, dor nas articulações, entre outras, não possuem apenas efeitos imediatos, mas a longo prazo de forma assintomática, e se instala no organismo levando a um quadro clínico rigoroso, capaz de ser letal. Variadas plantas diminuem, aumentam ou tem efeito antagônico aos medicamentos alopáticos [10,11].

Uma planta para ser utilizada como medicinal, deve-se estudar seus diversos pontos de vista como: químico, farmacológico e toxicológico. As plantas que nos rodeiam, produzem substâncias químicas, que podem atuar benéficamente sobre 15 outros organismos ou agirem de forma tóxica. É relativamente justificado o aumento das reações adversas pelo avanço no uso de plantas medicinais. Nem sempre os médicos reconhecem os efeitos adversos relativos ao uso dos fitoterápicos e há omissão de informações de pacientes sobre o uso associado com outras plantas [12,13].

Essas plantas ornamentais podem ser encontradas em jardins, parques, praças, terrenos baldios, em forma silvestre ou cultivar. Assim, existe relação entre as plantas medicinais e as tóxicas, uma vez que, a princípio, toda planta é tóxica e apresenta princípios ativos com finalidade útil. O limiar é tênue em ser tóxica ou apresentar um efeito benéfico, podendo ser letal caso sejam ingeridas as partes de plantas consideradas altamente tóxicas, ainda que em pequenas doses [14].

As plantas tóxicas são ervas que em contato com os seres humanos, podem causar agravos que alterem a saúde ou vitalidade. Essa intoxicação pode ser aguda ou crônica no caso da ingestão ser ininterrupta, ocasional ou intencional considerando algumas espécies vegetais [15,16].

Os usos inadequados de plantas medicinais, alucinógenas e abortivas são responsáveis pelas frequentes intoxicações entre adultos. A automedicação por meio de plantas é prática comum analisada na população brasileira. Durante a gestação ou lactação, o uso de plantas medicinais terá uma atenção especial por ser uma fase delicada para a mulher, por ser capaz de acarretar contração uterina e, por conseguinte aborto ou parto prematuro [2,6-8].

Considerando trabalhos etnobotânicos, poucos

estudos foram realizados relatando as diferentes plantas tóxicas conhecidas. No Brasil, as análises que fazem referência às plantas tóxicas são reservadas, e se tem priorizado fazer a identificação dessas espécies tóxicas e a se determinar os sinais clínicos dos transtornos abordados [17-19].

Campanha que divulgue alerta aos pais sobre incidentes tóxicos com crianças, indica que a precocidade do atendimento médico e a busca por informação tornam-se eficaz para prevenção deste tipo de acidente. Ao trabalhar essas campanhas, a busca por institutos de saúde diminui, melhorando assim, o acesso ao atendimento aos pacientes que realmente necessitam dos procedimentos médico-hospitalares, assim, reduzindo-se custos aos órgãos públicos [4,19].

Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*)

A *Dieffenbachia picta* está entre as dezesseis plantas que causam intoxicações. É uma planta ornamental cultivada em vasos de domiciliares (Figura 1) devido a sua resistência à baixa luminosidade, originária da América Tropical, compete à família botânica da *Araceae* e frequentemente é encontrada na Amazônia. Pode ser encontrada como *Dieffenbachia seguine* (L.) Shott, sendo assim a sinonímia botânica deste vegetal. No Brasil é conhecida popularmente como comigo-ninguém-pode [17].

Figura 1: Cultivo doméstico da *Dieffenbachia ssp* em vaso ornamental [20]



Essa planta tem um valor peculiar atrelado a sua presença. Estudos etnobotânicos apontam o costume do cultivo da planta para a proteção do lar e do comércio contra o “mau-olhado”, uma crença popular. O saber popular guia a investigação científica, não podendo ser encarada como verdade plena [2].

Os mecanismos de toxicidade de espécie do gênero *Dieffenbachia* são múltiplos, e incluem, além de substâncias protéicas e não-protéicas os cristais de rafídeos. É descrito como vegetal herbáceo, de caule bem demarcado resultantes da queda das bainhas das folhas mais antigas, não ramificado semelhante ao da cana-de-açúcar, pode medir em média dois metros de altura e cinco centímetros de diâmetro. A *D. picta* apresenta folhas oblongas, pecioladas, verde-escuras

com máculas amarelo-esbranquiçadas, alargadas ou lineares entre as nervuras [21].

Os casos de intoxicação mais frequentes ocorrem em crianças de idade primária, por meio do contato com látex cáustico que apresenta saponinas. A contaminação ocorre pela ingestão do vegetal ou por contato nas mucosas orais e oculares, desde que existam partes lesionadas da planta, como quando a folha é mastigada [4]. Para tentar reverter os sintomas, em primeiro lugar, dever ser assegurada a desobstrução das vias respiratórias, para evitar asfixia. Basicamente o tratamento é sintomático e de suporte, administrar líquidos gelados (águas, chás, sucos) ou emolientes (leite, gelatina) para proporcionar alívio. Não é recomendado fazer lavagem gástrica nem provocar vômito, devido à presença das ráfides. Na região cutânea e na mucosaocular, recomenda-se lavar com grande quantidade de água corrente [22].

Copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica*)

A *Zantedeschia aethiopica* relacionada pelo como uma das dezesseis plantas ornamentais tóxicas que mais causam intoxicação [23]. É uma espécie cultivada para corte das flores, apreciada para arranjos, entretanto, tem sua durabilidade comprometida se acometida a altas temperaturas (Figura 2).

Figura 2: Cultivo doméstico da *Zantedeschia aethiopica* em vaso ornamental, com destaque para inflorescência [20]



Durante todo seu ciclo, deverá ser cultivada em ambientes protegidos do excesso de radiação solar e solo úmido, a qual compete a família botânica da Araceae. Encontrada como *Calla aethiopica* L., sendo esta a sinonímia botânica do vegetal. Conhecido no Brasil popularmente copo-de-leite. É uma planta de origem africana, pode chegar a um metro de altura, com rizoma reforçado, inflorescências eretas, vistosas formadas na primavera-verão, pode ser cultivada em pleno sol ou a meia-sombra sendo necessária muita matéria orgânica e umidade constante, sendo assim bem tolerante a baixas temperaturas [21].

O vegetal apresenta folhas cordiformes-sagitadas, espata branca e espádice cilíndrica amarelado. Cultivada em ambientes externos essas manchas podem desaparecer. Toda a *Z. aethiopica* contém ráfides de oxalato de cálcio e saponinas, assim toda a planta considerada como tóxica [17].

As intoxicações em relação a esse vegetal, os cristais de oxalato de cálcio e as ráfides são expulsos dos órgãos da planta e perfuram a mucosa da cavidade oral em virtude da mastigação. Estes mesmos cristais atuam como irritantes mecânicos quando em contato na mucosa ocular, capaz de desenvolver edemas na região. Quando ocorre esse tipo de intoxicação, ao tentar reverter este quadro, desobstruir as vias aéreas para evitar asfixia é a primeira atitude a ser adotada. Não induzir ao vômito ajuda bastante, pois, em virtude da presença de ráfides encontradas no vegetal estudado. Administrar líquidos gelados proporciona alívio na cavidade oral e nos casos irritação cutânea e ocular, recomenda-se que enxágue com água tratada em abundância [17,21].

Coroa-de-cristo (*Euphorbia milii*)

A *Euphorbia milii* é originária da ilha de Madagascar adquiridas com finalidade de decorar residências (Figura 3), além do uso como cerca-viva. Encontrada com sinonímia botânica como *Euphorbia splendens* bojer é nomeada popularmente no Brasil como coroa-de-cristo [9,21].

Figura 3: Cultivo doméstico da *Euphorbia milii*, com destaque para inflorescência [20]



Pertencente à família botânica da *Euphorbiaceae* é um vegetal perene, medem de cinquenta centímetros a um metro e oitenta centímetros de altura, muito latescente, espinhos agressivos de até dois e meio centímetro de comprimento, folhas elíticas na parte superior, inflorescência dispostas em par, brácteas vermelhas formada durante quase todo o ano, não suporta temperaturas baixas, sendo cultivadas em pleno sol. Todas as partes aéreas da planta são tóxicas. Os diterpenos denominados de miliaminas são os principais ativos responsáveis pelas irritações, tem ação cocarcinogênica [9,19].

A ingestão ou contato com a cavidade oral o látex provoca sensação de ardência na língua e esôfago, diarreia, náuseas e vômitos. Pode causar irritação, prurido ocasionalmente doloroso, eritema, vesículas e até pústulas na epiderme. As lesões podem se apresentar em até doze horas após o contato; a regressão pode ocorrer em até três dias sem o aparecimento de sequelas. Casos fatais em humanos não foram documentados, entretanto animais domésticos foram a

óbito após ingerir a planta [6,17].

O tratamento é sintomático, após o contato com a epiderme é indicado que o local seja lavado em água corrente (em abundância) para que não se desenvolvam lesões sérias. Em contato com a mucosa ocular, lavar em água corrente e em casos de ingestão é descartado a lavagem gástrica. Entretanto, o indivíduo, ao dar entrada ao serviço de saúde, deve relatar que houve uma ingestão acentuada da planta [6,9,24].

Espirradeira (*Nerium oleander*)

A *Nerium oleander* é considerada um arbusto perene, originária do Mediterrâneo e da Ásia. Planta herbácea com inflorescências terminais (Figura 4), corola grande e vistosa. Podem ser encontradas na literatura com a sinonímia botânica *Nerium floridum* Salib, nomeadas popularmente no país como Espirradeira e pertencente a família *Apocynaceae* [14,21].

Figura 4: Cultivo doméstico da *Nerium oleander*, com destaque para inflorescência [20]



É um vegetal grande, medindo até cinco metros de altura, bem ramificado e florífero de folhas coriáceas. As cores de suas flores podem ser brancas, rosadas, avermelhadas e mais raramente amareladas, e se formam na primavera-verão. Todas as partes do vegetal são tóxicas sendo que nas folhas e sementes o princípio tóxico é maior, mas consideram-se as folhas e flores as mais tóxicas. Apresenta em todos os órgãos vegetativos, alcalóides e glicosídeos cianogênicos sendo este último um dos principais pela intoxicação, entretanto, é mencionada a presença de glicosídeos cardiotoxicos [22].

A ingestão ou contato com o látex pode causar dor em queimação na cavidade oral, salivação, náuseas, vômitos intensos, cólicas abdominais, diarreia, tonturas e distúrbios cardíacos que podem levar ao estado de coma ou até o óbito [21].

Resultados e Discussões

Na região Centro-Oeste, existe o apontamento de registros de intoxicação humana por acidentes, seguido por outras características (aborto, abuso e ingestão) que se mantém desde 1991 [23]. De acordo com os

resultados, houve um predomínio da espécie *Euphorbia milii* (41,67%). Por outro lado, a *Zantedeschia aethiopica* (4,17%) foi à espécie com a menor frequência.

A pesquisa documental ocorreu concomitantemente às observações de campo. Para geração de dados, a pesquisa foi feita observando 24 locais entre arredores de escolas primárias, ambientes domiciliares e praças da região administrativa do Gama-DF (Tabela 1).

Tabela 1: Relação entre espécies ornamentais tóxicas e logradouro, encontradas na região administrativa do Gama-DF

Nome Científico	Amostras por Conglomerado				
	Norte	Sul	Leste	Oeste	Central
<i>Dieffenbachia picta</i>	-	1	2	-	1
<i>Euphorbia milii</i>	1	4	2	2	1
<i>Nerium oleander</i>	1	3	3	-	2
<i>Zantedeschia aethiopica</i>	-	1	-	-	-
Total	2	9	7	2	4

Os ambientes observados contemplaram cercanias de escolas primárias, praças públicas e ambientes domiciliares. Para o registro quantitativo das espécies vegetais foi considerada a frequência de cada espécie, baseada no número de indivíduos por espécie.

Variáveis relativas aos quadros de intoxicações por plantas referentes à faixa etária, ao sexo, a zona de ocorrência e ao óbito foram consideradas. A frequência das quatro espécies observadas no presente estudo variou conforme os locais visitados (Tabela 2).

Tabela 2: Espécies ornamentais tóxicas encontradas em ambientes domiciliares e públicos na região administrativa do Gama-DF

Nome Científico	Ambientes Domiciliares	Cercanias de escolas	Jardins e Praças	Comércio
<i>Dieffenbachia picta</i>	3	-	-	1
<i>Euphorbia milii</i>	6	-	4	-
<i>Nerium oleander</i>	3	3	1	-
<i>Zantedeschia aethiopica</i>	1	-	-	-
Total	13	3	5	1

As plantas tóxicas poderão ser encontradas em diversas áreas e o risco de intoxicação é certo, tanto para seres humanos e animais. A falha na identificação das plantas é um dos principais fatores determinantes para os casos de intoxicação e a melhor forma de amenizar os episódios de intoxicação é através de campanhas informativas [25].

A necessidade que as pessoas têm em buscar substitutivos mais baratos nos cuidados à saúde, pode aumentar os riscos de acidentes ou intoxicações na população. As plantas tóxicas são organismos que apresentam defesa contra predadores, e podem ocasionar até a morte, se manuseada de modo incorreto pelas pessoas. Em casos de intoxicações por plantas,

poucas pessoas sabem como proceder a estes acometimentos [26].

O avanço das reações adversas é decorrente a procura intensa da população em buscar distintas terapias naturais. Expandir o conhecimento e promover troca de informações internacionalmente é de grande relevância para garantir o uso com segurança das plantas medicinais [8].

Há um risco pequeno em relação à intoxicação por plantas de cultivo doméstico. Entretanto, a intoxicação por essas plantas podem evoluir em crianças que venham a ingeri-las. Deve-se relatar tais informações fazendo referência ao contato cutâneo [15,27].

A maior ocorrência está entre crianças de 01 a 04 anos, com 147 casos. Estes casos são seguidos por 45 casos de crianças de 5 a 9 anos. Crianças com menos de 1 ano também entram nos registros, com 13 ocorrências. O menor número de intoxicação por plantas está entre as crianças de 10 a 14 anos, provavelmente por terem maior consciência das prováveis consequências [4].

Quanto ao sexo, existe uma diferenciação entre gêneros na intoxicação por plantas. Uma vez que os vegetais objetivos de estudo são ornamentais, interessam mais as mulheres que homens. Entretanto, dos 252 casos registrados quanto ao sexo, certificou-se uma diferença pequena entre homens e mulheres, provavelmente o indivíduo de sexo ignorado aconteceu em virtude de não ter sido registrado o sexo deste indivíduo [23].

Os casos de intoxicação ocorrem com maior frequência na zona urbana, acometidos por 232 casos e 19 casos na zona rural. Na maioria dos registros foram intoxicações acidentais, proveniente de brincadeiras com tais plantas [4,28].

Casos de óbito no ano de 2009 foram registrados na região Norte, na cidade do Belém-PA, por circunstância de intoxicação não relatada, faixa etária menor que um ano de idade. E o segundo caso, no estado do Goiás na cidade de Goiânia-GO, indivíduo de sexo masculino, identificado por abuso na ingestão de plantas, com faixa etária entre 40 e 49 anos de idade [5,23].

Os dados apresentados são sub-notificados, pois para ser identificado como intoxicação é necessário procurar o serviço de saúde pública. Nem sempre os indivíduos acometidos por algum tipo de intoxicação procuram ajuda de profissionais habilitados para prestar assistência [23]. Normalmente, procuram tratar a intoxicação com medidas caseiras ou procuram apoio imediato de pessoas que apresentem um conhecimento maior.

Conclusão

Pela observação dos aspectos analisados, a presença dos quatro vegetais, objetos do estudo, foram comuns nos ambientes domiciliares e públicos verificados. A possível solução para prevenir acidentes seria identificar tais espécies com placas

informativas, especificando o grau de toxicidade e risco próximo à planta, que seja de fácil visualização. Atividades educativas de prevenção a intoxicação por vegetais em ambientes escolares, informando aos pais/responsáveis e principalmente às crianças sobre os principais riscos em manipular tais plantas.

Considerando os fatores apresentados, faz-se necessário divulgar um programa sobre plantas tóxicas entre profissionais de saúde, especialmente médicos, enfermeiros e farmacêuticos que atuam na linha de frente dos estabelecimentos de saúde e que prestam serviços de atenção primária. Uma tomada de consciência individual e coletiva em relação às plantas ornamentais tóxicas ajudaria em campanhas educativas através dos meios de comunicação, para que sirva de alerta e possa ajudar, sendo a educação formal o principal eixo da consciência cidadã.

Referências

- [1] Barros AGTS, Moreira FAS, Branco ACSC, Sousa JA, Meneses CES, Sousa CFAJ, et al. Evaluación del efecto farmacológico del extracto etanólico de *Stryphnodendron adstringens* peel sobre el peristalismo intestinal en *Mus musculus*. RSD [Internet]. 2020 Jan. 1 [cited 2021 Jun.16]; 9(2):e142922230. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2230>
- [2] Cavalcante DAL. O uso racional de fitoterápicos, desmistificando o senso comum. Rev Saúde Desenv. 2018; 12(1):5-6.
- [3] Bonil LN, Bueno SM. Plantas medicinais: malefícios e benefícios [monografia]. União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO, São José do Rio Preto/SP; 2017.
- [4] Alves RBS, Lima FA, Coutinho MS, Meneses AB, Lima ELM, Meira AMB, et al. Plantas ornamentais x plantas tóxicas: prevenção de acidentes com crianças. Rev Ciênc Ext. 2016; 12(3):79-87.
- [5] Maciel JMMP, Brito RC, Sousa Júnior ER, Pinto NB. Análise retrospectiva das intoxicações por plantas no Brasil no período de 2000-2015. Revinter. 2018; 11(3):74-86.
- [6] Melo DB, Macedo LM, Almeida IO, Pereira TRS, Silva TM, Leal MMT, et al. Intoxicação por plantas no Brasil: uma abordagem cienciométrica. Braz J Develop. 2021; 7(4):40919-37.
- [7] Santos DRS, Silva MM. Plantas ornamentais tóxicas em escolas de Ensino Fundamental no município de Altamira, Pará. Enciclop Biosfera - Cent Cient Conhecer. 2020; 17(31):163-9.
- [8] Araújo AMR, Pinheiro LS, Feitosa TKA, Florêncio TA, Morais ICO. A importância do conhecimento de plantas ornamentais tóxicas na prevenção de intoxicações. In: Mostra Científica da Farmácia 1. Centro Universitário Católica de Quixadá; 2018.
- [9] Costa EPQ, Bomfim BLS, Fonseca Filho IC. Levantamento de plantas ornamentais tóxicas em

- espaços públicos de Água Branca - Piauí. Rev Espacios. 2017; 38(19):11-7.
- [10] Correa RJ, Maschio JI, Varas MLM. Las plantas tóxicas en la ganadería. Rev Divulg Tecn. 2017; 73(1):1-15.
- [11] Vilar DA, Vilar MAS, Brandão MP, Anjos CJF, Silva AE. Plantas Medicinais: um guia prático. 1a. ed. Aracaju: EdIFS; 2019.
- [12] Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA (BR). Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira. 1a. ed. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/memento-fitoterapico/memento-fitoterapico.pdf/view>
- [13] Akbar S. *Atropa belladonna* L. (Solanaceae). In: Handbook of 200 Medicinal Plants. Springer, Cham; 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-16807-0_39
- [14] Campos SC, Silva CG, Campana PRV, Almeida VL. Toxicidade de espécies vegetais. Rev Bras Plantas Med. 2016; 18(1):373-82.
- [15] Souza RS. Plantas ornamentais tóxicas no município de Comodoro - MT. Rev Biodiversidade. 2019; 2(18):79-93.
- [16] Santos EM, Gomes KM, Maior LPS, Trajano LQC, Fonseca SA, Rocha TJM, et al. Perfil dos casos de intoxicação por plantas em humanos no estado de Alagoas. Diversitas J. 2019; 4(1):292-305.
- [17] Cavalcante RMH. A importância do conhecimento de plantas ornamentais tóxicas para a formação profissional dos alunos de medicina, enfermagem e farmácia de uma Universidade da Paraíba [monografia]. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB; 2015.
- [18] Santos BFB, Souza LZP, Borges JPA, Gadelha MAC, Pardo PPO. Intoxicação por plantas no estado do Pará, Brasil. Rev Fitos. 2021; 16(1):78-83.
- [19] Ribeiro SAC, Fernandes KD. Plantas tóxicas em espaços escolares: uma abordagem em escolas infantis. Rev Exten Socie. 2019; 10(1):1-10.
- [20] Bragança F. Plantas ornamentais tóxicas [Internet]. 2016 Jun. [citado em 2021 jun. 06]. Disponível em: <https://fernandobraganca.com.br/2016/06/02/plantas-ornamentais-toxicas/>
- [21] Fracaro CC. Plantas ornamentais tóxicas em Mato Grosso do Sul [dissertação]. Universidade Anhangüera - Uniderp. Campo Grande/MS; 2016.
- [22] Fonseca WF, Leão VRF, Moraes TL, Silva HCL, Meireles RO. Ocorrência de plantas ornamentais tóxicas e seus locais de incidência no município de Castanhal - PA. In: Congresso Internacional das Ciências Agrárias - COINTER - PDVAgro, 3. 2018, dez. 08 a 13; João Pessoa/PB.
- [23] Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - SINITOX (BR). Dados de intoxicação. 2018. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>
- [24] Rodriguez LT, Mello LA, Gasparetto M, Morandi Filho WJ. Plantas ornamentais tóxicas ocorrentes no Instituto Federal Catarinense campus Camboriú. In: Feira de Iniciação Científica e de Extensão do Instituto Federal Catarinense – FICE, 5. 2014, set. 11 e 12; Câmpus Camboriú/SC.
- [25] Scareli-Santos C, Silva SM, Lima JNLO, Parente TM, Lima HC, Almeida JS. Espécies vegetais tóxicas da família *Euphorbiaceae*: uma análise sobre a distribuição e os casos de intoxicação registrados em Araguaína, TO. Rev desafios. 2017; 1(4):95-103.
- [26] Cebeci D, Gürkas E, Genç HM, Ceylan N. Atropa Belladonna Poisoning. J Pediatr Emerg Intensive Care Med. 2020; 7(1):36+.
- [27] Yilmaz Y, Kara F, Aydin S, Ozlece HK, Can S, Ustebay S. Poisoning with Atropa Belladonna in Childhood. Iran J Pediatr. 2018; 28(2):e7865.
- [28] Freyre YG, Pavón LAB, Viera LB, González YG, Lobaina AL, Carrazana AI. Intoxicacion por adelfa, un caso poco frecuente. Rev Cub Med Militar. 2021; 50(2):02101052.